

OS ÍNDIOS DA MEIA PRAIA

Aldeia da meia praia, ali mesmo ao pé de Lagos
Vou fazer-te uma cantiga da melhor que sei e faço
De Montegordo vieram alguns por seu próprio pé
Um chegou de bicicleta, outro foi de marcha à ré.

Quando os teus olhos tropeçam no vôo de uma gaiivota
Em vez de peixe vê peças de oiro caindo na lota
Quem aqui vier morar não traga mesa nem cama
Com sete palmos de terra se constrói uma cabana.

Ai, i i i u u u u
I i i i u u u u

Tu trabalhas todo o ano na lota deixam-te nulo
Chupam-te até ao tutano levam-te o couro cabeludo

Quem dera que a gente tenha de Agostinho a Valentia
Para alimentar a sanha de esganar a burguesia
Adeus disse a Montegordo nada o prende ao mal passado
Mas nada o prende ao presente se só ele é o enganado.

I i i i u u u u
I i i i u u u u

Oito mil horas contadas laboraram a preceito
Até que veio o primeiro documento autenticado
Eram mulheres e crianças cada um com o seu tijolo
Isto aqui era uma orquestra quem diz o contrário é tolo

E se a má língua não cessa eu daqui vivo não saia
Pois nada apaga a nobreza dos índios da meia praia
Foi sempre a tua figura tubarão de mil aparas
Deixas tudo à dependura quando na presa reparas

I i i i u u u u
I i i i u u u u

Das eleições acabadas do resultado previsto
Saíu o que tendes visto muitas obras embargadas

Mas não por vontade própria porque a luta continua
Pois é dele a sua história e o povo saiu à rua
Mas dadores de alta finança fazem tudo andar para trás
Dizem que o mundo só anda tendo à frente um capataz

I i i i u u u u
I i i i u u u u

Eram mulheres e crianças cada um com o seu tijolo
Isto aqui era uma orquestra quem diz o contrário é tolo
E toca de papelada no vaivém dos ministérios
Mas hão-de fugir aos berros inda a banda vai na estrada.

I i i i u u u u
I i i i u u u u
I i i i u u u u
I i i i u u u u

"Dulce Pontes"